

## Alocação de Manuel Franca Cardoso Pestana, aluno da Escola Secundária de Tábua, na cerimónia comemorativa do Dia Nacional do Combatente, inserida nas comemorações dos 51 anos da Restauração da Comarca de Tábua (10 de abril de 2024).

Compatriotas!

É uma honra e um privilégio estar aqui hoje, no dia em que simultaneamente se celebram dois eventos dignos de realce: a restauração da comarca de Tábua, assinalada pelo feriado municipal, e o centésimo sexto aniversário da batalha de La Lys.

Foi há precisamente cento e seis anos que o exército alemão, no âmbito da ofensiva Georgete, se lançou sobre as linhas defensivas das tropas aliadas na Flandres, que integravam duas divisões do Corpo Expedicionário Português, exaustas por longos meses de enorme e permanente desgaste nas linhas da frente, à espera de serem rendidas por reforços que tardavam em chegar, e desmoralizadas pela deserção de grande parte dos seus oficiais, bem como pela subida ao poder, em Portugal, de Sidónio Pais, um militar suspeito de germanofilia.

As tropas lusas encontravam-se num estado calamitoso e, fatalmente, não demoraram a cair em desordem face ao avanço do inimigo numericamente superior. Os combates foram ferozes e prolongaram-se por vinte e dois dias. O resultado foi uma pesada derrota, com baixas consideráveis, e o recuo das linhas portuguesas e aliadas, desfecho já esperado pelos comandantes do Corpo Expedicionário Português...

Porém, o triunfo alemão viria a revelar-se, no quadro geral da guerra, uma vitória de Pirro, porque o conflito terminaria, em novembro de 1918, com a rendição da Alemanha e a abdicação do Kaiser Guilherme II.

Durante os combates, na Flandres, que envolveram o Corpo Expedicionário Português, notabilizou-se um herói, de seu nome Aníbal Augusto Milhais, natural de Valongo, o qual, pelos atos destemidos que permitiram cobrir a retirada das tropas aliadas e salvar inúmeras vidas, se tornou por todos conhecido como “Soldado Milhões.”

E cá estamos hoje, mais de um século depois do fim da Grande Guerra (aquela que, assim se supunha e desejava, seria a última de todas as guerras).

Pura ilusão! Neste preciso momento, mais uma vez se ouve o troar dos canhões e se combate ferozmente no território europeu, com dezenas de milhar de vítimas russas e ucranianas, entre civis e militares, homens e mulheres, crianças e adultos.

Dir-se-ia, por isso, que a guerra é intrínseca ao ser humano, faz parte da sua própria natureza. Assim como o ser humano é capaz de produzir as mais belas obras de arte, de erguer as mais lindas edificações, de levar a cabo os mais generosos atos de solidariedade, é também capaz de cometer as mais horrendas atrocidades.

Muitos acreditam que vivemos numa época única, decisiva e especial da história da humanidade...

Desenganem-se! A seu tempo, todas as gerações se acharam únicas, moral e eticamente superiores às que as antecederam...

Nas próximas décadas, parece inevitável (e oxalá me engane...) o confronto com o que hoje consideramos ameaças externas, provenientes de países que, embora constituídos por seres humanos como nós (e convém, para bem da Humanidade nunca nos esquecermos disto), são afinal, em diversos e fundamentais aspetos, muito diferentes de nós.

Quando me refiro a “nós”, não me refiro apenas a Portugal ou somente aos europeus, refiro-me à Civilização Ocidental como um todo.

À primeira vista, podem parecer enormes as diferenças que separam os Socialistas dos Sociais-Democratas, os Beirões dos Alentejanos, ou os Portugueses dos Alemães, mas elas esbatem-se e tornam-se afinal insignificantes quando comparamos o todo que o Ocidente representa no mundo (a Democracia-Liberal, o respeito pelos Direitos Humanos, a separação da Igreja e do Estado) com a cultura de países iliberais e autocráticos como a China, a Rússia ou o Irão.

Costuma dizer-se, no ramo da sociologia, que o Homem é metade natureza, metade cultura... A verdade é que, se em relação à componente natural, todos os providos de senso concordam que somos iguais, já em relação à parcela cultural as diferenças são por demais evidentes.

Não é meu propósito alimentar qualquer tipo de sentimento xenófobo, pró-bélico ou imperialista, mas é minha profunda convicção que acabaremos por ter de nos unir quando chegar a hora de defender o espaço onde as Liberdades Individuais são palavra de ordem, onde a Lei atua acima de qualquer indivíduo, onde se vive em Democracia e onde os Direitos Humanos são como mandamentos...!

Teremos de nos unir como portugueses, unir como europeus e unir como ocidentais, única forma de defender a sobrevivência e a continuidade dos valores e das ideias que ao longo dos séculos foram surgindo e foram sendo edificadas como alicerces do nosso comum património cívico e cultural, e que ainda hoje nos definem como pessoas.

Agradecendo desde já a atenção que tiveram a gentileza de me dispensar, termino a minha intervenção com palavras do Padre António Vieira: *Nascer pequeno e morrer grande é chegar a ser homem. Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento, e tanta para a sepultura. Para nascer, pouca terra, para morrer, toda a terra. Para nascer, Portugal: para morrer, o mundo.*